

O JOGADOR

Plínio Carneiro

— Mardade, correria e gol de cara.

Era o técnico falando, a turma assentada no chão do vestiário, todos atentos ao palavrório do crioulo, magro e de dentes podres, que pedia muito sangue, suor e lágrimas para a partida decisiva.

— Os atacante vão jogar igual rabo de cavalo, correndo de um lado para o outro; os pontas artiando a bola na ária para imperrear os beque, o centefor na espia, os armador alimentando o ataque.

O garoto Asman, dono da camisa oito, tinha vontade de mandar o técnico calar a boca, parar de soltar cuspe na cara dos jogadores do impávido time de subúrbio, sempre que o Vigilante começava a dar as instruções. Mas nada, todos ficavam olhando para aquele homem magro, um preto desbotado que gostava de passar a mão nos meninos do infantil.

— Os beque fica igual folha de bananeira, caindo pros dois lado, porque é preciso cuidado com o ataque deles, igual a acesso cardíaco, de tão fulminante. É um ataque que nem moleque ladrão: um abaixa o galho e o outro colhe a fruta; um aperta o pescoço, o outro corta a língua.

Os tornozelos inchados, as faixas comprimindo a dor, as joelheiras — muletas psicológicas, segundo o doutor — para lembrar que ele não podia fazer certos movimentos, Asman não abria a boca, dependia de seu passado para garantir o futuro. Antes jogador famoso, de time grande, agora era mostrar a sua

envelhecida arte no Carijós, time do gerente do banco onde arranjava um emprego de contínuo.

— X —

Ele nem se lembrava direito como tudo havia acontecido. No petiz, no infantil, no juvenil: todos queriam tirar fotos e abraçar aquele garoto magro, mulatinho das pernas finas, que fazia o domingo ficar melhor quando entrava em campo para defender as cores do Racing. Uma gigantesca águia cobria todo o seu peito, desenhada na camisa branca do time que havia pago um bom dinheiro para que ele saísse do Expressinho, equipe de sua rua. Semi-profissional, semi-amador aos dezoito anos, Asman fazia a alegria dos diretores da firma que sustentava o Social Clube Racing, um intrépido esquadrão de rapazes que ficava às vezes até cinquenta jogos sem perder.

Muita gente falava mal dos diretores e do técnico do time. «Eram todos bizorrões, gostavam de garotos», mas ele nunca notara nada. Queria ser jogador, não conseguira passar do segundo ano de ginásio, gostaria tanto de seguir os passos do Toró, do Guano, do Careca e do Tacho, que haviam saído do Expressinho diretamente para o profissional.

A sorte demorou, mas chegou em um domingo à tarde, quando o Racing ganhou a taça «Melhor dos Melhores» no festival do Pitangui Esporte Clube. Naquele dia, ele fez de tudo: atacou, defendeu, marcou os dois gols da vitória. «O garoto da camisa oito não podia jogar tanto futebol assim, como quem brinca de pegador com os adversários. Correndo e driblando como um artista que tira um acorde de seu instrumento, como quem desenha no chão um arabesco com a bola, somando mais um drible entre as pernas do adversário...» dizia um recorte de jornal no dia seguinte.

E foi no dia seguinte que o cronista de futebol amador, o Monkey, apareceu em seu barracão acompanhado de um sujeito baixinho, gordo e suarento, querendo falar com ele. Era a sorte que chegava em forma de um convite para treinar no time profissional. A mãe, cheia de agrados, oferecia banquinhos para

todos se assentar; as duas irmãs, entusiasmadas, ficavam espian-
do de longe, rindo do jornalista que fazia caretas para elas.

Asman foi para o profissional, levando todo o seu entusiasmo. Um escaninho com seu nome, o material de treino e de jogo — chuteiras, faixas, sungas, calções — tudo fazia parte de um universo que sempre perseguira. Na concentração, uma cama para ele. O mundo estava se abrindo para que entrasse com seu futebol.

— X —

Ah, como ele gostaria de ser como o Paulo Cavalinho, que sempre dera sorte na vida. Nascido de sete meses, Cavalinho se transformou num gigante aos vinte anos: os dentes brancos, o cabelo liso sem precisar dos henês, as pernas grossas — um becão que fazia sucesso em São Paulo. Aos três anos, Paulo Cavalinho caíra em um buraco de vinte metros nos fundos de seu barraco. Caiu dentro de um chiqueiro, matou o porco que serviu de aparo e não teve nada. Filho de pais pequenos, era alto e forte; de família mulata, era um misto de puri — nariz fino, cara quadrada, o dodói das meninas.

Asman, filho de pais fortes, era franzino. Tivera uma infância normal, de catapora, sarampo e coqueluche, mas estava sempre com dor no corpo. Sua aparência às vezes era tão ruim que até seus pais se espantavam. De nome Ismar dos Santos, ganhou o apelido de Asman quando seu colega Dangola, ao anunciar a vitória do Expressinho no alto-falante das barraquinhas da igreja, o chamou de Ismar, o Asmático. Daí para Asman foi um pulo.

Ah, como ele gostaria de ser como os colegas que continuavam a jogar bola sem as dores incômodas, ora nos joelhos, ora nos tornozelos. No começo, os médicos achavam que a dor era nos meniscos: os quatro foram retirados; depois disseram que era gota, doença de velho. Mesmo no profissional, as dores não cessavam, apesar de seu esforço em adquirir um físico que o defendesse das contusões.

Como gostaria de ter tentado a Austrália, para onde o Alan fôra e era ídolo. Ou mesmo a América do Norte, onde o

Argeu e o Carioca jogavam até hoje, 35 anos nas costas e muitos dólares no bolso. Antes, ele poderia ter ido para a Venezuela, o Eldorado do veteranos, mas agora tudo estava ficando muito difícil.

Quando as dores apertaram, após dois anos no profissional, foi examinado por muitos médicos, que chegaram a sugerir serem as dores psicológicas. Como medir a dor, se não há sintomas? Ali começaram os boatos: pipoqueiro, afinador, treme-treme. De astro passou a reserva, de reserva a esquecido. Quando acabou o contrato, ninguém o procurou para renovar. Dois anos de glórias, tapinhas nas costas, dinheiro para comprar roupas finas — de uma só vez, na conquista do campeonato estadual, saíra da loja com vinte camisas, compradas com uma pequena parcela do bicho.

Ele tentara tudo, até despachos. Um velho preto cozeu seus pés, seus tornozelos, os joelhos: «Quê foi, carne quebrada, nervo afastado, quê foi?». Asman, pés descalços em cima de uma toalha molhada, a panela de ferro emborcada sobre uma bacia, o velho com um pedacinho de pano, a agulha conduzindo a linha: «quê foi...?»

Tentara mesmo de tudo. Chá de boldo, garrafadas, supertições. Só entrava no campo com o pé direito, fazia o pelo-sinal cinco vezes no vestiário, entrava na corrente de mãos-dadas antes das partidas. Tentou até o que não acreditava: vassoura atrás da porta, figuinha no pescoço, batidas na tampa do vaso sanitário, deixou crescer a unha do dedo mínimo das mãos até virar garra — só treinava com a camisa 17, seu número de sorte, o macaco.

Ele se lembrava de tudo enquanto o técnico Vigilante ia dando as instruções. No seu começo como profissional, todos os olhares eram para as jogadas que criava. Em seus dias felizes, até os adversários vinham cumprimentar. Seu pai, ligado no radinho, sorria quando os locutores falavam no nome do filho, «um azougue, um cracão de bola».

Em dois anos, conseguira ofuscar os craques já conhecidos. Ganhava prêmios das emissoras de rádio, dava entrevistas demo-

radas, era escalado nas seleções estaduais — já falavam em seu nome até para o escrete nacional, a glória total.

Dias de glória, a viagem à Europa, a vitória sobre o campeão espanhol e campeão europeu, com um gol seu no último minuto, de calcanhar. Jornais, televisões, rádios na volta do time, invicto no Velho Mundo. Tempo de mulheres bonitas, amigos, muito dinheiro no bolso, a sensação de que a boa vida nunca iria se acabar.

Em três anos, o sonho acabou. Ele se lembrava até da sua última partida no time titular. Era uma quarta-feira, o estádio quase vazio, começo de campeonato, contra um time fraco do interior. Há muito tempo sentindo dores incríveis nas pernas magras, ele não dizia nada, com medo da reserva. Naquela noite, tomara dois comprimidos que havia ganho de um colega, veterano e malandro, para tirar a dor.

Naquela noite, a chuva espantava a vontade de entrar nas bolas divididas, todo mundo se resguardando das contusões. Mas ele jogava como nunca, estimulado pelos comprimidos, amansando a bola, dócil. Até que, no meio do segundo tempo, teve o pressentimento de que só tinha corpo da cintura para cima. Saiu de campo na maca.

— X —

— Quem tiver na meiúca tem que alimentar o ataque, igual a balaio de pastel. E todo mundo tem que correr, dar prego de cabeça se for preciso; bater o corner e correr pra cabecear. Nada de fricote, que futebol é pra homem.

O técnico Vigilante estava no meio de seu «período instrucional», como chamava. E era sempre a mesma latomia, não mudava nunca. Quando o jogo começava, o técnico tomava duas talagadas de pinga e fechava a boca. No intervalo, ganhando ou perdendo, ele só falava: «Cês faz o que sabe fazer. Eu não vou ensinar ninguém a jogar bola. Cês vão lá e ganha o jogo, certo?».

Asman sempre ficava com o pensamento longe do período instrucional, apesar de apresentar um rosto sério, atento, que agradava ao técnico e ao presidente do clube, sempre de pé, no

canto do vestiário. E que saudade das preleções dos técnicos entendidos, dos cobrões internacionais, que mostravam as jogadas no quadro negro, ensaiavam os ataques usando times de botão. Eles pediam a opinião dos jogadores. Agora, naquele cubículo fedendo a urina que servia de vestiário, ele era obrigado a ouvir uma torrente de besteiras.

Estava sempre longe, lembrando com saudade até de seus tempos de reserva, ganhando a metade dos bichos na moleza, sem responsabilidades, entrando no finzinho dos jogos: ora, quando a partida já estava ganha e ele fazia uma figuração dos diabos, mostrando a torcida que ele era mais ele em campo, que o técnico deveria escalá-lo de cara: ora, quando a partida estava perdida e ninguém iria esperar que ele fosse o salvador da pátria.

Um tempo de comer e dormir sem precisar arriscar as suas finas canelas entre os selvagens beques adversários. Um tempo em que seu time entrara na ressaca de um campeonato vencido, o declínio de uma equipe que já não tinha o Asman para virar os jogos, um time que durante quase dois anos jogara em função de um craque e agora se ressentia.

Nos coletivos, Asman ainda era um destaque; nas físicas, ficava horas levantando pesos com as pernas, fortalecendo o quadriceps por causa da ausência dos meniscos. Depois, eram as dores violentas nas pernas, os comprimidos tomados diariamente.

Ele se lembrava das últimas partidas, a torcida impaciente com a má fase do time. Num daqueles jogos, ele jogara tão mal, fôra tão bizonho, que até seus colegas sentiram pena. Naquela noite, o que se via em campo era um jogo feio, todos pedindo a Deus que o juiz terminasse a partida aos 15 minutos do segundo tempo.

Ele se lembrava. Seu cadarço desamarrou e, numa corrida, levou um tombo feio, provocando risos até do juiz. Naquela noite, nada dava certo: matava as bolas na canela, cabeceava com o nariz, chutava a grama, cruzava a bola por detrás das traves. Tudo dava errado: torceu o tornozelo, perdeu gols feitos e acabou expulso. Saiu pensando consigo mesmo que «desgraça pouca é bobagem», levou uma bronca do técnico, uma sonora vaia da torcida e o time perdeu a última esperança que tinha de

se classificar. Era o seu canto do cisne, daí pra frente foi uma ribanceira.

— X —

— Urubu quando tá de azar até na laje ele atola. Nada de ficar ciscando igual galinha, uma bicadinha aqui, outra ali — futebol é bola pra frente, o negócio é chutar de bico no canto que o goleiro não tá.

Era uma figura escrota, o Vigilante. Quem o definia bem era o meio-campo Roberto Pipote, que havia entrado para o Carijós junto com Asman. Depois de doze anos jogando juntos em vários clubes, Asman e Pipote faziam uma dupla inseparável. Uma temporada aqui, outra ali, defendendo às vezes quase que só a cama e a comida, os dois sobreviviam com o futebol.

Fôra uma demorada maratona, primeiro pelos clubes menores da primeira divisão, depois na segunda e, mais tarde, até nos times amadores do interior. «Estavam jogando com o nome», diziam os que se lembravam dos dias de glória dos dois, «o melhor meio-de-campo que passara pelo Estado». Estava nos recortes de jornais que ambos guardavam com carinho.

Dez anos andando como judeu errante. Sem direito a casa-mento, a passar o Natal com a família, às vezes perdido no interior do Amazonas, às vezes esquentando banco em um time do Rio Grande do Sul. As pernas doíam, fazia uma partida boa hoje, uma regular amanhã, os comprimidos guardados no bolso para a dopagem que se tornara imprescindível.

Dez anos rolando como a bola que tanto o atraía, anos de farras depois dos jogos, o cigarro careta se confundindo com o fuminho, a bebida se misturando com os picos. Um despenha-deiro. Às vezes passava seis meses jogando como um craque, garantia a renovação do contrato e, na outra temporada, era um fiasco.

E depois de doze anos, os precoces cabelos brancos cobrin-do as têmporas, as pernas atrofiadas pela dor, ele conseguira o emprego de contínuo no banco onde o seu Jorge era gerente. Conseguira, mas com a condição de tomar conta, ele e Roberto



o destaque...
apontado como...
... e cotado até
chegar à Seleção Brasileira

... acabou perdendo
o, ficando de fora de...
... sempre dizia que estava sentindo dores
enquanto, os médicos garantiam
que estava curado. Havia alguns
... afastou do time, escalan-

Pipote, do meio-campo do Carijós. Morava sobre o vestiário, era o ídolo da garotada do bairro, ficava jogando sinuca e baralho a noite inteira, trabalhava meio horário e podia tratar das pernas, enroladas com toalhas quentes quando ia dormir. Escondido, para ninguém saber.

— X —

— No comecinho, vamos frevê na ária deles que eles apavora. Vamos colá neles igual mulher ciumenta. Esse time que a gente vai jogar só tem pereba, só pustema, mas a gente não pode facilitar. Se eles chegou até a decisão é porque tem valor. E eles falaro que somos um bando de pernetas, uns lustribas que só mata a bola de sola...

— O juiz é pilantroso, conheço ele. Se tiver na gaveta deles, a gente mela o jogo no segundo tempo...

— Ocê marca o dez deles, que tem um gingado de escola de samba — é bom de bola ou então é um tremendo enganador, um bola murcha...

— Ocês dois tem que dar pau ali na lateral, o ponta-esquerda deles é bom, apesar de ser um velho caimbra, de cambitos finos, bananeira que já deu cacho...

— Ocê vai jogar igual macadame, alisando o terreno para a entrada dos homes da meiúca...

— Olha lá, hem, chapéu de trouxa é balaio de chuchu e feixe de lenha...